

CARLOS MEIRELES O CHEFE DOS COSSACOS EM "UM VIOLINO NO TELHADO"

“Os artistas são médicos da alma”

Perdeu-se um médico veterinário, mas ganhou-se um cantor e actor que está a descobrir a magia do teatro. Define-se como um “homem do espectáculo e da música desde sempre”. Para Carlos Meireles a voz humana é o instrumento que mais o fascina. A inconfundível voz e presença de Anãs em “Jesus Cristo Superstar” estão agora presentes em “Um Violino no Telhado” no duplo papel de Carlos Meireles como chefe dos Cossacos para quem “ordens são ordens”: a personagem Chefe dos Cossacos e o cargo de director de voz de Carlos Meireles. Este seguidor de Filipe La Féria, que considera ser um “mestre”, sonha que um dia o seu “mestre” ponha no palco o espectáculo O Rei Leão em que Carlos Meireles gostava de participar e dirigir as vozes do elenco.

Por Marisa Pinho

O Carlos Meireles tem 28 anos e é de Viseu.

CM: Sim, nasci em Valença do Douro que é uma aldeia do distrito de Viseu.

E sempre viveu lá?

CM: Vivi até aos meus 11 anos. Depois fui estudar para a Régua e fiz lá o meu 12º ano. Entretanto fui para Vila Real aos 18 anos fazer o curso de medicina veterinária.

Estou a falar com o Carlos Meireles o senhor doutor, o músico ou o actor?

CM: (Risos) Eu sou tudo e mais alguma coisa e no fim não sou nada. Eu sempre tive o bichinho da música dentro de mim. Acima de tudo sou músico. Esta experiência com o Filipe é uma coisa nova para mim. Todo este percurso que agora se desvenda está a ser guiado pelo Filipe. Sempre me imaginei a cantar, a fazer música, a gravar discos, portanto foi uma agradável surpresa tê-lo encontrado na minha vida. Encontrei-o pela primeira vez em 2005 quando vim fazer o “Amália”. Foi a primeira vez que pisei um palco a fazer um musical. Entretanto, terminei o curso de medicina veterinária, concorri ao curso superior de canto, o qual frequento, neste momento, na Escola de Música de Artes do Espectáculo. Quando o Filipe veio para o Porto fazer o “Jesus Cristo Super Star” eu fui ao

casting, dei voz ao Anãs e fiquei ali sempre.

Qual é a sua profissão hoje?

CM: Actor e cantor.

E os animais onde ficam no meu disso tudo?

CM: Eu nunca exerci. Na veterinária até me fascinava mais a parte da etologia e patologia, pesquisa dos animais mortos. Nunca me imaginei a fazer clínica. Eu fiz o curso e comecei logo a estudar piano nessa altura. Comecei a tocar piano aos 21 anos. Ainda fiz o 5º grau e ainda continuo a ter aulas com o meu professor, porque não tenho hipótese de ir a Vila Real ao Conservatório.

Portanto, não podemos dizer que os animais foram a sua grande paixão...

CM: Não. Foi sempre a música desde miúdo. Eu nasci num meio muito no interior e nos anos 80, ou seja, estamos a falar de um sítio em que a ideia de ser artista em Portugal não é para toda a gente, não dá segurança. Eu não tenho razão de queixa dos meus pais, porque eles sempre viram que eu tinha jeito para a música e tentaram fazer o que podiam sempre até hoje. Sempre me alertaram de como as coisas eram. Ali, mesmo hoje em dia, não há a consciência de que se pode ser artista em Portugal, não há. Estamos a falar do Alto Douro Vinhateiro em que as pessoas

trabalham muitas vezes de solo a solo... Há os bailaricos e tal, mas daí a um dia um filho deles ou de alguém daquela terra estar no Porto a trabalhar com o Filipe La Féria é um achado muito mais para lá do que para aqui. Eu aqui sou mais um dentro do elenco, mas lá é um orgulho muito grande.

E já todos vieram ver o Carlos Meireles?

CM: Já, sim senhor. São só cem quilómetros que separam a minha aldeia do Porto, mas representa uma ascensão muito grande. Eu entrei num mundo sem saber onde estava a entrar. Vim muito pelo que sentia cá dentro. Sempre quis fazer música. Depois fui para o curso de veterinária, porque os meus pais me diziam para eu tirar um curso. Agora estou aqui e quando olho para trás penso que ainda bem que me esforcei e fui estudar piano e canto. Não fiquei sentado a sonhar e à espera das oportunidades. Fui trabalhando e depois conheci o Filipe que me está a dar a grande oportunidade de estar a fazer direcção vocal.

Considera esta a grande oportunidade da sua vida em termos profissionais?

CM: Sim, porque estamos em Portugal. E, realmente, trabalhar com o Filipe dá-nos uma segurança e conhecimento que não teríamos noutra sítio. É como se trabalhar com ele fosse o expoente máximo. Toda a gente sabe que



ele é duro connosco, mas é o nosso mestre. E não só no palco, por tudo o que ele diz, pelos conselhos todos que nos dá extra as peças. É um pai para nós. Apesar de muita gente achar que ele tem mau feitio, eu vejo as coisas ao contrário: acho que ele tem muita paciência connosco, acredita em nós e sabe o que faz quando puxa por cada um de nós. Muitas vezes não conseguimos compreender e sofremos, mas ele sabe o que o faz.

Então nunca se arrependeu da opção que fez pela arte do espectáculo?

CM: É um mundo novo para mim. Um mundo que eu até desconhecia. Conheci aqui muita gente... Este contacto com o teatro musical é muito interessante para mim. A minha formação é clássica.

Como se deu o encontro com La Féria?

CM: Eu estava em Vila Real e ele precisava do David Ventura em Lisboa. Telefonou a vários professores de canto a dizer que precisava de tenores. E o meu professor de canto, que é o Pedro Teles e dá aulas na Maia, ligou-me, eu vim, ele ouviu-me e fiquei. Isto há uma semana de estrear o "Amália". Depois eu estreei na segunda semana de "Amália" no Sá da Bandeira. Entretanto, ele foi embora, eu terminei o curso, concorri ao curso superior de canto e entrei. Veio o "Jesus Cristo Super Star" e fui ao casting. A partir daí nunca mais parei. Eu e a malta toda: a Sissi e o Ruben. Já tinha trabalho com o Ivo e o Ruben no "Amália". Éramos os três sobreviventes do elenco inicial do Porto.

Entrou para o curso de Medicina Veterinária aos 18 anos, mas o interesse pela música e pelo espectáculo começou desde miúdo...

CM: Eu desde que me lembro sempre cantei. Há lá uma associação cultural que são os "Rabelos" e as minhas primeiras actuações em pequenino foram lá a fazer teatro, a cantar, a fazer vozes... durante muitos anos fiz parte de um grupo de música popular. Cantava, tocava órgão e acordeão, fazia vozes, tudo e mais alguma coisa.

Como se chamava esse grupo?

CM: Chamava-se "Nova Geração." Era muito divertido. Isso deu-me muita experiência de palco e de público. O público e o estar no palco não é uma coisa que me assuste. Assusta-me é não saber se estou a altura das coisas. Pretendo trabalhar sempre o máximo para dar o meu melhor. Por isso, é que eu digo que o Filipe é um mestre, porque ele consegue limpar-nos e tirar-nos os nossos medos, consegue filtrar tudo aquilo que nós temos e que não precisamos.

Começou a tocar piano enquanto tirava a licenciatura...

CM: Exactamente no conservatório



de música, fiz várias cadeiras: piano, coro, acústica, formação musical, análise e composição do que eu gosto muito.

Agora está na ESMAE. Achava que tinha necessidade desta formação?

CM: Eu sempre tive tendência para dirigir coros na minha aldeia e agora estou a dirigir o Coro da Universidade de Vila Real. Sou muito desenrascado nessa coisa de dirigir e a voz humana é o instrumento que me fascina mais. E foi com a procura desse fascínio que me foi apresentado o Pedro Teles. Eu sempre cantei, mas sempre pensei mais em avaliar outras vozes do que cantar e o Pedro foi a primeira pessoa que me apareceu e me disse 'olha tu tens uma voz extraordinária, vê lá se estudas'. E foi isso que me levou a concorrer ao superior de canto, porque eu fui para a música para estudar piano. Por isso, é que eu digo que é surpreendente esta volta que a vida deu e eu estar agora no Filipe a dirigir as vozes e a ter um papel aqui e ali... porque eu fui para a música para tocar piano e hoje em dia é o que eu não faço. Tenho lá o piano em casa e não tenho tempo para tocar nele. (risos)

Foi difícil dirigir as vozes de "Um Violino no Telhado" e no "Alice no país das maravilhas"?

CM: No "Um Violino no Telhado" o trabalho de vozes já estava prati-

camente feito, portanto o meu trabalho é mais de manutenção. Apontar uma coisa aqui, ali, um desvio aqui e ali...

E há muitos desvios?

CM: Não. São todos muito conscientes. O "Alice" foi diferente, porque já vinha feito de raiz de Lisboa, mas eu tive que fazer o trabalho coral e vocal para os actores daqui. O que é ótimo, porque não há nada melhor para um director de voz do que ter grandes vozes ao serviço e ao dispor. Eu ali não posso ter razão

Trabalhar com o Filipe dá-nos uma segurança e conhecimento que não teríamos noutra sítio. É como se trabalhar com ele fosse o expoente máximo. Toda a gente sabe que ele é duro connosco, mas é o nosso mestre.

de queixa, porque tenho tudo o que preciso. Só não fazia um bom trabalho se não quisesse.

Faço a mesma pergunta em relação aos alunos do coro universitário que dirige. Eles são todos afinados?

CM: Eu sou um bocado duro quando estou a dirigir. Quando sou dirigido sou muito bem disposto, mas quando estou a dirigir sou muito sério. E foi nessa base que dirigi os coros lá em cima. Em seis meses peguei em amadores e dei-lhe técnica clássica, coça, coça e depois as pessoas nestas alturas riem-se dos exercícios, porque é a primeira vez, mas quando fizeram o concerto de estreia ficou tudo a pensar 'mas existe uma coisa destas em Vila Real?'. No final tive uma senhora a agradecer-me. Acho que é também o que o Filipe consegue nos espectáculos dele, embora o meu seja a um nível muito mais baixo. Apesar de todo o trabalho e rigor, chega-se ao fim, as pessoas vão ver e levam alguma coisa para casa. A nossa missão como artistas é aliviar a sociedade, muito mais do que o nosso caminho individual que também é importante: onde vamos chegar, o que aprendemos, a fama que poderemos vir a ter. Eu acredito que os artistas são médicos da alma.

Há quanto tempo dirige o coro Universitário de Vila Real?

CM: Desde 2006. Eu cantava, era membro do coro. Entretanto fui convidado para dirigi-lo. São dois coros: é o coro misto da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e o da Capela Musical de

São Pedro em Vila Real. Ensaios juntos sempre. Quando vim trabalhar com o senhor Filipe despertei para esta coisa dos musicais e eles quiseram que experimentar uma coisa diferente. Por isso, concibi um espectáculo para ser apresentado no teatro de Vila Real que foi num sucesso. Eles adoraram a experiência, porque tiveram que cantar e dançar, representar. Concebi um espectáculo com os temas mais conhecidos da Broadway e da Disney.

Como faz para ter tempo para isto tudo?

CM: Eu não sei, mas só estou bem assim e nem sou muito frenético.

E tempo para a vida pessoal onde fica? Resume-se ao teatro?

CM: Não é bem assim, mas sou muito mais virado para esta esfera. Não é resumir-me, mas se perguntarem quem é o Carlos Meireles a resposta é que é homem do teatro, da música, do espectáculo. Acho que nasci para isto realmente. A vida pessoal não está em segundo plano, antes pelo contrário, mas também passa por ali muito.

O que sente quando está no palco?

CM: O que é que eu sinto... (hesita, olha para o nada pensativo, bebe sumo) eu sinto antes e sinto depois. Durante o tempo que estamos no palco somos outras pessoas. Eu fico sempre nervoso antes de entrar, nunca consigo ir completamente relaxado.

Nem na centésima representação?

CM: Sinto sempre aquela sensação. Se calhar porque cada público é diferente uns dos outros. A verdade é que vou para o palco e não sinto o público, faça barulho ou não. Na cena com o Zé estou eu e o Zé e os cães a ladrar. São coisas difíceis de explicar. Durante aquele momento somos mesmo outras pessoas. E o público vai ao teatro para se divertir e para encontrar em cada um de nós pontos em comum e com a história. Acho que é importante que isso aconteça mesmo: esquecermos do Carlos Meireles e ver o Chefe dos Cossacos que está ali a fumar. Se eu for para o palco a pensar o que é que o público está a achar não faz sentido, porque senão isso vai passar para as pessoas.

Nota diferenças nos públicos de espectáculo para espectáculo?

CM: Sim, mas não me deixo influenciar por isso. Há públicos

O desejo para 2009...

E o que vai pedir nas 12 passas à meia-noite do dia 31?

CM: (muito pensativo) tenho alguns desejos, mas são muito metafísicos não são coisas práticas. O meu desejo para 2009 é que cada pessoa consiga encontrar aquilo que tem que fazer. Que cada um consiga descobrir em si para o que nasceu, porque isso vai fazer toda a diferença.

O Carlos Meireles já encontrou isso...

CM: Já. É estar neste mundo no mundo do espectáculo e da representação. Não é cliché dizer 'sigam os vossos sonhos', não é.

É a realização de um sonho?

CM: Sim, sem dúvida. Agora que a realidade é muito diferente dos sonhos é verdade. O sonho não é uma coisa muito definida e a realidade é muito diferente. A realidade é cheia de obstáculos, de oposições, mas isso é que é a vida. Pode ser ridículo, mas o meu desejo é esse que as pessoas façam um esforço para se encontrarem a si próprias e descobrirem a sua missão aqui.

Audiência

ENTREVISTA

muito extrovertidos que batem palmas em todo o lado e riem-se. Há outros que estão muito calados e que chegam ao fim e explodem. Cada público é diferente. E nós no palco temos que ter a noção de que não nos podemos deixar afectar nem por um público muito extrovertido nem por um público muito introvertido, porque isso acontece de facto, mas temos que controlar isso. Os espectáculos de longa carreira devem ser o máximo possível iguais. Mas nunca são iguais, porque o teatro é efémero. Não nos podemos afectar pela reacção do público, se é muito caloroso ou não. Estamos a contar uma história e a história tem que ser contada independentemente de estarmos a sentir o calor directo do público ou não.

Então não é como o José Raposo que interpreta sempre alguma coisa de maneira diferente em cada peça?

CM: Eu nem sequer me posso comparar ao Zé. O Zé tem muita experiência, é um excelente actor, dá imensa vida à peça... O que o Zé faz como actor eu fazia com o Anãs a cantar. Eu com o Anãs também fazia muitas modificações, mas porque a cantar me sinto à vontade para isso. Posso comparar-me ao Zé nesse aspecto. Eu como cantor e ele como actor. Eu como actor, nesta fase, jamais poderia fazer o que ele faz ou brincar aqui ou ali... Esta coisa do representar para mim é muito nova. O Filipe está a confiar em mim. É uma porta que se está a abrir mas é agora, porque há muita coisa que eu ainda não sei. Jamais iria para o palco inventar muito, porque o mais provável era correr mal. Agora, o Zé pode fazer o que quiser, nunca se desmancha da personagem, é sempre o Tevye faça o que fizer: ria-se, chore, deita-se ao chão... Eu, nesta fase, não sou um José Raposo e posso nunca vir a ser. Gostava. Não estou a falar de fama nem de projecção, estou a falar do actor que ele é. E depois é uma pessoa extraordinária, um ótimo colega de trabalho e é um exemplo para nós.

Quais são os actores que admira no panorama da representação em Portugal?

CM: Acima de tudo os que trabalham comigo.

Está a ser politicamente correcto.

CM: Não, não estou. Estou a falar, porque é onde eu estou. Passo ali muito tempo, não tenho tempo para ver o trabalho dos outros actores. Aliás ninguém tem tempo. E eu estou centrado ali. Agora ganhei o cargo de ser director vocal. Além de ter consciência do que é ser actor e cantor, ganhei a consciência do que é ter uma parte de direcção num espectáculo o que me faz estar muito focado em cada um deles e realmente admiro muito cada um deles. Agora tenho a responsabilidade de melhor



Se perguntarem quem é o Carlos Meireles a resposta é que é homem do teatro, da música, do espectáculo. Acho que nasci para isto realmente.

possível puxar por eles e estou a falar agora dos actores mais novos como a Sissi Martins, o Ruben Madureira, a Mirrô Pereira, o Rogério Costa, o Nuno Martins, a Inês Soares, a Ana Ribeiro, Pedro Xavier, a Fernanda Rios, a Bruna Andrade, o Constantino Dias. Mas uma vez o La Féria sabe o que faz. São todos muito talentosos e aos poucos e poucos vão também crescendo ali dentro como eu próprio e, neste momento, são os actores que eu admiro e farei tudo o que estiver ao meu alcance para que eles dêem o seu melhor.

Há actores do Violino que estão surpreendidos com este musical que fizeram pela primeira vez e que querem fazer mais... Será que é esta vontade de continuar a fazer musicais e com o La Féria é uma novidade e pode ser um vício?

CM: O Filipe proporciona-nos um mundo de fantasia. Nós entramos num teatro que tem tudo e mais alguma coisa a nível de luz, de som, dos figurinos, não falta ali nada desde o rolo de papel higiénico até ao projectador de vídeo. Não falta público. Num país em crise isto é um achado e ele proporciona isso aos actores, ao público e ao país, porque mesmo quem tem as suas reservas e vai ver gosta e é incapaz de dizer que é um mau espectáculo. Mesmo os pseudo intelectuais, como ele costuma dizer, são incapazes de dizer que os espectáculos são maus. Não são, são bons espectáculos.

A peça que estou a gostar mais de fazer é o Violino, porque estou mais lá, já ganhei a postura de estar ali durante aquele tempo todo. Nós emagrecemos muito. O meu pai até diz 'olha não foste à tropa, esta é a tua tropa'. Eu quando agradeço ao Filipe e lhe digo o que ele é ali digo-o do fundo do coração e não porque tenho interesse em dizer-lhe isso. Ele é

realmente o responsável por tudo o que se passa ali. Ele tem o método dele e muita gente pode não concordar, mas é método dele e eu concordo com isso, porque é assim que ele é verdadeiro connosco. Ele podia ser mais meigo, mais compreensivo, mas ele não é assim, é duro e rigoroso. Só não nos põe a fazer flexões, porque não calha. E quem realmente se aguenta ali acaba por perceber que vale a pena. Nós crescemos ali muito uns com os outros. Aquilo é como um workshop, mas durante vários meses e ainda somos pagos.

Entrou em "Amália", "Jesus Cristo Super Star", "Música no Coração", "Príncipezinho" e agora "Um Violino no Telhado". O sonho e o objectivo do Carlos Meireles é continuar com o mestre?

CM: Sim, em quanto ele for vivo eu gostava de estar sempre ligado a ele, a não ser que se farte de mim e não me queira mais, porque eu considero-o um mestre do teatro musical e um mestre de pessoas. O Filipe age muito na esfera pessoal de cada um. É um orientador de almas na minha opinião.

Deu voz a Anãs em "Jesus Cristo Super Star", "Um Violino no Telhado" está a superar "Jesus Cristo Super Star"?

CM: São peças muito distintas. Apesar de eu sobressair mais com o Anãs, estou a ganhar mais com este papel no Violino. Embora eu não seja um cantor exímio, ainda tenho muito que aprender, é mais fácil para mim cantar do que representar e eu valorizo mais as coisas difíceis. E depois fazer de mau não é fácil. Para mim, como crescimento pessoal dá-me mais gozo fazer este papel.

Ouve e aceita as críticas dos colegas?

CM: Sempre, sempre. Eu sou muito exigente comigo mesmo e

isso implica que eu realmente dê ouvidos ao que as pessoas me dizem. Agora também sou exigente com os outros, às vezes de mais, outras vezes também não sou bem interpretado. É ao mostrar as minhas fragilidades e na oposição que eu encontro a minha força. Basicamente, se eu tivesse nascido em Lisboa com todas as oportunidades se calhar não ligava, se calhar era veterinarário. Não sei, nunca vou saber. Pelo facto de ter nascido onde nasci onde não existia nada, não existiam perspectivas, os meus pais sempre a alertarem-me faz com que dê mais valor a certas coisas. A minha mãe veio ao teatro pela primeira vez, porque eu estava cá. Eu valorizo essas coisas. Isso é o que me preenche realmente.

Teve alguma preparação especial e diferente para representar a personagem do chefe dos cossacos?

CM: Tive. Tive que fazer trabalho de postura, de locução, tive que aprender a fumar.

Inspirou-se em si próprio? O Chefe dos cossacos tem alguma coisa de Carlos Meireles? Também é uma pessoa fria e impiedosa?

CM: Ele no fundo é bonzinho, lá no fundo nem queria chatices nenhuma. É um homem que vive naquela aldeia que se dá bem com o leiteiro, porque também lhe interessa para manter a ordem. No fundo não quer chatices nenhuma e, por isso, é que diz que 'ordens são ordens não posso fazer nada'. E não está muito longe do que eu sou agora ali dentro. Tenho uma certa responsabilidade, tenho que dirigir as coisas, mas muitas vezes, por iniciativa própria ou não, tenho que ser rigoroso, tenho que obedecer as regras, porque tenho superiores hierárquicos, tenho um homem que tem uma visão do espectáculo e eu tenho ao máximo que seguir

isso. Por isso, ordens são ordens. Eu ali sou também um Chefe dos cossacos.

Muita gente ainda não conhece o Carlos Meireles, mas as pessoas conhecem o Anãs. Tinha esta noção?

CM: Não, não tinha essa noção. É engraçado, porque ultimamente muita gente me tinha falado nisso. Aliás esta semana tive uma surpresa engraçada, porque estava uma miudinha cá fora e eu saí do elevador e oiço assim 'está ali em carne e osso'. E eu achei que aquilo não era para mim, saí para fora e ela não abria a boca e a colega que estava ao lado disse 'pede-lhe o autógrafa, anda lá' e ela cheia de vergonha 'dá-me um autógrafa'. (risos) e eu achei piada, porque não estou habituado a isso, mas quando acontece fico sensibilizado. Naquele momento, de certa forma, somos um ídolo para a pessoa, somos um exemplo a seguir. E a vida é isto. Como eu agora sigo o exemplo do Filipe um dia alguém há-de seguir o meu exemplo.

E cinema e televisão já lhe passou pela cabeça?

CM: Nada. Já me imaginei a compor para cinema, mas não sei se quero passar por aí, mas são coisas que já me passaram pela cabeça como é óbvio.

Não sente a falta disso?

CM: Não tenho tempo para sentir falta de nada. Acho que o teatro é uma experiência única, a televisão espalha muito mais o nome das pessoas, acho que a experiência da fazer cinema deve ser extraordinária, mas nada é como estar no palco. E eu estou a falar de uma coisa que não sei, porque nunca fiz nem uma coisa nem outra, nem televisão nem cinema. O palco torna-se um vício, mas também tenho pouca experiência para falar nisso.

Neste momento, sente-se realizado como actor?

CM: Neste momento tomo consciência do que é estar no teatro. Cada vez se afigura mais em mim a paixão pelo teatro. Eu defino-me como um músico e começo a pensar que se calhar há aqui também um actor até porque um músico também é um actor. Eu desde que fui para ali representar canto melhor agora. Uma coisa passa para a outra. Não posso dizer que me sinto realizado como actor, porque estou ainda muito longe de ser um grande actor. Tenho ainda muito trabalho pela frente, embora pense que tenho as condições necessárias para

que isso aconteça. Se calhar daqui a uns anos responderei a essa pergunta. Não sei que rumo a minha vida vai levar, mas já que descobri ali o gosto pela representação gostava de o continuar a fazer de uma forma exímia.

Que tipo de espectáculo gostava de fazer?

CM: Eu penso muito em conjunto. Há um espectáculo que eu gostava que um dia o Filipe fizesse, porque tenho uma paixão muito grande por aquilo que é o Rei Leão. Se o Filipe não fizer o Rei Leão, depois de ele morrer um dia faço eu nem que seja sem direitos sem nada lá no teatro da minha terra (risos). Nem que estivesse a abrir as portas ao público eu gostava de estar naquela peça.

E que personagem gostava de fazer no Rei Leão?

CM: Não sei, mas provavelmente o mau. Mas gostava de fazer a direcção vocal. Aquilo é extraordinário. Está simples, mas muito bem conseguido. Para mim, o musical do Rei Leão é uma obra prima.

Onde passou o Natal?

CM: Passei o Natal com a minha família na minha aldeia em Valença do Douro. A minha família é muito grande. Somos sempre cerca de trinta pessoas que se reúnem no Natal. Tive com as minhas sobrinhas que são muito queridas e têm muito jeito para o canto e tocam piano por minha causa. Foi um Natal cheio de doces e foi muito divertido.

O que comeu no Natal?

CM: Comi polvo frito. A minha mãe fez na mesma o bacalhau cozido e essas coisas todas, mas eu nunca como bacalhau. No Natal gosto de comer polvo frito, açorda, a couve cozida, mas não como nem batatas nem bacalhau. Também comi travessas e travessas de aletria.

Quando abriu os presentes?

CM: Na noite de 24 para 25.

O que recebeu do Pai Natal?

CM: A minha mãe deu-me um aspirador, ainda bem, porque tenho a casa em pantanas.

A passagem de ano vai ser a trabalhar?

CM: Sim, no Rivoli.

Quero fazer um agradecimento muito especial aos meus pais, Manuel Sousa e a minha mãe Lúcia Meireles. A eles devo-lhes tudo.

“Hino aos Imortais” valeu primeiro prémio

Venceu o primeiro prémio no Festival de São João da Pesequeira com o tema “Hino aos Imortais”. Já alguma vez tinha participado num festival deste género?

CM: Não, nunca. Fui convidado à última da hora para ir cantar e ganhámos. Este ano, fui convidado para compor um tema. Compus, ensaiei a miúda que foi cantar, ensaiei as vozes, ensaiei a coreografia e ganhou. É uma coisa estranha.

Para o ano é para repetir?

CM: Não sei. Se calhar para o ano é o Festival da Canção mesmo.

A que soube este primeiro prémio?

CM: Foi na altura em que se deu a viragem da veterinária para a música. Onde eu estou, para mim, é o centro do mundo. Onde estou, eu dou sempre tudo o que tenho independentemente de ser em São João da Pesequeira, em Vila Real ou com o Filipe. E quando vencemos, eu e a Ana Santos, porque era um dueto, para mim foi como o assinalar um momento de viragem.

A Ana Santos veio consigo?

CM: A Ana Santos terminou o curso de arquitectura paisagística e picada por mim, porque eu sou um pastor que tem assim uma série de ovelhas, entrou este ano no curso de canto na ESMAE. A Ana está mais concentrada para o clássico, mas é muito melhor do que eu. É uma das minhas ovelhas, ouve o que lhe digo e está a seguir as minhas pisadas. Acabou o curso, veio agora para o canto e sabe-se lá onde vai parar.

CM: Há muitas maneiras de se disfarçar o que corre mal. Por exemplo no “Jesus Cristo” quando eu mandava uma fífia numa frase qualquer, repetia a fífia na frase a seguir para parecer que era assim. Há muitas maneiras de se reagir às coisas. No “Música no Coração” eu troquei uma frase e imediatamente corriji-me logo a seguir. Mas isso, acho que tem a ver indirectamente com a minha formação musical, ter o cérebro ágil a improvisar, porque o teatro é uma coisa muito nova para mim. E é um gosto que estou a descobrir agora com o Filipe, que é o nosso mestre, mas quem me tem ajudado muito lá dentro em termos de postura é a Mirrô Pereira. A Mirrô está sempre atenta e é impecável. A equipa funciona muito bem.

CM: Mas apesar dessa humildade toda, o Carlos Meireles agora no Violino quando entra a cantar em cima da mesa está sempre com atenção e já algumas vezes parou. Se calhar se fosse outro actor qualquer teria dificuldade em retomar... Já tem acontecido estes percalços, mas segue sempre com segurança...

“Written in the Stars”: o primeiro grande sucesso

“Written in the Stars” foi o primeiro espectáculo que criou e encenou em Dezembro do ano passado...

O público e o estar no palco não é uma coisa que me assuste. Assusta-me é não saber se estou a altura das coisas.

CM: Foi o meu primeiro espectáculo encenado por mim próprio que foi no ano passado no teatro de Vila Real e este ano foi encomendado pela Câmara Municipal para escolas. Onde eu estou, estou a cem por cento. Não tenho olhos para quem está à volta. E estou ali com o meu grupinho em Vila Real a tentar aplicar aquilo que aprendi aqui, mesmo que inconscientemente. Claro que se o Filipe for ver deve dizer ‘você é um canastrão, não sabe fazer nada, eu nunca lhe ensinei nada destas coisas’ (imita e voz de Filipe La Féria). Mas sou assim e na folga podia descansar, mas não, vou a correr para Vila Real.

E gostou da experiência?

CM: Gostei. Eu gosto muito de me meter em coisas em que dá passos maiores do que a minha pema e arrastar o rebanho comigo e tenho tido essa sorte. Para mim, as coisas ou se fazem ou não se fazem. Não há ali meio termo. É para fazer dentro da consciência que eu tenho. Portanto, eles sem serem pagos, a estudar fora, com os seus trabalhos têm que vir. São as minhas regras. Têm que vir, não há desculpas para ninguém. Depois é agradável quando se faz um espectáculo e eles adoram e ligam-me a dizer obrigado. Muitas vezes ficaram chateados com o que disse, mas eu não sei estar de outra forma, porque me entrego de coração e na minha cabeça tem que estar toda a gente comigo. Mas foi surpreendente para as pessoas de Vila Real, porque nunca houve uma companhia que fizesse um espectáculo com esta dimensão: com as roupas, as luzes as danças, a dinâmica. Recebemos muitos elogios da Câmara Municipal. É bom porque faz a cidade fervilhar.

Tem a noção de que está a dar um importante contributo àquela região?

CM: Exactamente. Mas esse é o meu objectivo. Se bem que Vila Real está num bom caminho: já tem conservatório, tem um teatro extraordinário. Portanto, tudo o que eu puder fazer eu faço, mesmo que isso implique eu prescindir das minhas folgas. Porque eu estou bem é assim.

E quando é que vamos podemos assistir às próximas encenações do Carlos Meireles?

CM: Não posso encenar mais nada se não o Filipe despede-me (risos). Em Junho vamos fazer um concerto com uma orquestra e coro que eu vou dirigir. Vai ser na Sé de Vila Real.



Primeiro conquistar o Porto

Para Carlos Meireles as manifestações culturais estão expressamente fixadas em Lisboa. Já alguma vez ponderou deixar a sua terra e ficar-se na capital ou mesmo emigrar?

CM: Para já não. Tinha uma amiga que me disse numa altura ‘Meireles não vás embora do Porto sem antes conquistares o Porto’. E aquilo ficou-me na cabeça. Acho que nós passamos a vida a fugir das coisas só que as coisas vêm atrás de nós. Eu sou muito novo e não tenho muita experiência, mas tenho essa noção. Se agora estou aqui tenho que segurar isto e aproveitar as oportunidades. Se um dia tiver que ir para Lisboa ou para outro sítio qualquer vou, mas terá que acontecer naturalmente. Um dia gostava de ir a Londres e continuar a minha formação em composição que eu gosto muito. Agora estou aqui, onde estou a aprender muita coisa, estou a ganhar uma experiência de vida e de conhecimento que vale muito mais que um papel. Se calhar dava-me mais jeito o papel para daqui a uns anitos eu chegar ao conservatório de Vila Real e querer dar umas aulinhas e não poder, porque tenho mais experiência de palco do que de formação. Eu sinto que agora é aqui o sítio. Eu nunca fui muito de pensar ‘ok, agora estou aqui, mas qualquer dia o La Féria tem um ataque cardíaco e eu vou perder o emprego’ e por mais que as pessoas me chateiem ‘vê lá poupa’. Eu não consigo. Para mim é agora, agora e agora. Depois logo se vê. Desde que tomei a decisão de vir para a música e a deixar uma vida convencional para esta, porque a minha vida estava feita, era tudo muito certinho, era bom aluno e de repente deixar tudo e vir para a música... Mas desde que fiz isso tenho tido alguma sorte. Mesmo agora eu ter tido a direcção vocal e mesmo o Filipe não ter desistido de mim quando eu me mostrei frágil para fazer algumas coisas, acho que tem a ver com a sorte e por eu ter seguido esta via.

E de talento também...

CM: Sim, mas sorte está sempre do lado das pessoas que arriscam. Falo disso, porque sou exemplo disso. Quando nós descobrimos o que queremos fazer e vamos atrás disso a sorte está sempre ao nosso lado. As coisas acontecem não facilmente, porque sonhamos com as coisas e depois não é bem assim, mas enfrentar os obstáculos, fazer aquilo que gostamos e ter as pessoas nos sítios certos, as coisas correm muito melhor.

Mas se o La Féria o desafiar a ir até Lisboa vai?

CM: Ele propôs-me no “Jesus Cristo”, mas eu não quis. Enquanto ele estiver aqui eu queria ficar aqui. Eu gosto deste teatro. O Politeama é um teatro lindíssimo, mas este tem qualquer coisa. Eu não vejo as coisas de uma forma prática, nunca consegui e é uma coisa que estou a trabalhar agora, porque estou num cargo que me obriga a isso.